

# PRODUÇÃO TEXTUAL E LEITURA NOS ANOS INICIAIS COM A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS E MÍDIAS EDUCACIONAIS<sup>1</sup>.

Marisa Correa Vieira<sup>2</sup>

Gédson Mário Borges Dal Forno<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho pretende buscar novas alternativas, através de uma ação intencional que torne possível repensar a sala de aula. Um novo modelo, onde a utilização de tecnologias e mídias educativas propicie um ambiente saudável, acolhedor e estimulador da produção textual e leitura de diversos gêneros. Diante disso, é preciso refletir sobre as atitudes e questões apresentadas no cotidiano escolar, principalmente sobre as dificuldades dos docentes em consolidar uma prática prazerosa de leitura às crianças do ensino fundamental nos anos iniciais. Nessa perspectiva a prática estará baseada em uma visão sociointeracionista acreditando no potencial de cada um dos alunos, respeitando seu tempo e seus saberes. Apresentando a função dos recursos tecnológicos e da informática no processo ensino aprendizagem como a democratização do acesso ao conhecimento. Ao mesmo tempo é imprescindível mudar o conceito tradicional de sala de aula, de ensino e de organização dos procedimentos educativos; oportunizando a construção do saber, desencadeando a autoria, a investigação, o estabelecimento e o compartilhamento de idéias. A utilização das tecnologias como ferramenta para o desenvolvimento da produção textual e leitura nos anos iniciais, ainda se dá de uma forma muito tímida, talvez porque a profissão de professor sempre teve uma relação direta com livros, giz, quadro negro e papel. Nos últimos tempos, o universo de recursos nas escolas entrou em expansão; televisão, internet, vários recursos tecnológicos a disposição dos docentes, trazendo novas perspectivas para o ensino. A partir deste estudo propomos construir atitudes afirmativas e críticas em face de utilização das tecnologias e mídias educacionais

## PALAVRAS – CHAVE

Leitura; Tecnologias; Produção Textual.

## ABSTRACT

*This work intends to look for new alternatives, through an intentional action which makes possible to rethink about the classroom. A new model where the use of technologies and educative medias propitiates a healthy environment, welcoming stimulating the production of texts and the reading of various genres. In front of this, we need to reflect about the attitude and questions presented in the daily school mainly on the difficult of teachers to consolidate an enjoyable reading practice elementary school children in the early years. In this perspective the practice will be based on a socio-interactive believing in the potential of each student respecting their time and knowledge. Presenting technological function resources and information technology process teaching and learning as a democratization to knowledge access. At the same time, it's indispensable to change traditional concept in the classroom the teaching and the organization of educational procedures; giving the opportune to the knowledge construction, unleashing the authorship, the investigation, the establishment, and the sharing of ideas. The use of technologies as*

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>3</sup> Professor Orientador, Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

*a tool to develop the textual production and the reading in the early years is still given in a shy way, maybe because the profession of teacher always had a direct relationship with books, chalk, black boards and paper. Last time, the universe of resources in the school entered into expansion, television, internet, various technological resources in the teacher's disposal, bringing new perspectives to the teaching. From this study, we propose to build affirmative and critical attitudes in face of the use of technology and educational media.*

## **KEYWORDS**

*Reading, Technologies, Textual Production.*

## **1 INTRODUÇÃO**

O maior desafio que as escolas vivem hoje é a perspectiva de produzir bons leitores. Porém o bom leitor não se faz por acaso. Muitos são premiados na infância, graças às famílias que podem propiciar contato com a literatura e em escolas que proporcionam experiências gratificantes no início da alfabetização. Entender como se dá o processo de leitura requer que o professor conheça o sistema alfabético bem como o processamento da leitura e da escrita. Com o crescente avanço tecnológico, o mundo da leitura precisa ser desvendado por todos, nunca antes houve tanto apelo midiático para que a produção textual ganhe espaço em planejamento e ação dentro da sala de aula. Mesmo assim existe um grande distanciamento entre teoria e prática. Professores dos anos iniciais do ensino fundamental enfrentam dificuldade em conciliar alfabetização e letramento de uma forma lúdica e prazerosa para as crianças; já que por muito tempo acreditou-se numa prática pedagógica fundamentada na repetição de exercícios. O conceito de alfabetização reforçava a ideia de que para aprender a ler era necessário apenas ser capaz de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons. Porém nesse contexto surge o conceito de letramento e dá uma visão diferente para a prática de ler e escrever sem deixar de dar valor a codificar e decodificar, porém, fazendo uso dessa habilidade nas práticas sociais em que ler e escrever é necessário. Magda Soares (1998) define letramento como:

Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou condição de que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 1998, p. 18)

Eis o grande desafio do professor, inserir a criança nesse processo, através de diferentes leituras, como rótulos, placas, revistas, entre outros... E o mais importante é

prolongar esse processo por toda a vida, beneficiando o aluno na escrita de redação, cartas, convites e avisos etc...

Portanto propõe-se aqui, diretrizes para a utilização das tecnologias e mídias como mais uma forma de buscar uma ação pedagógica de acordo com a atualidade, sendo então mais, significativa e produtiva. Importante ressaltar que uma atividade é significativa quando o aluno é desafiado a resolver questões interagindo com os demais. E produtiva quando faz com que o conhecimento adquirido passe de um nível para outro. Dentro desse enfoque, certamente o uso da tecnologia pode contribuir de forma positiva, desde que o professor aceite a posição de mediador desse processo.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Nas subseções seguintes serão abordados os seguintes assuntos: a leitura e produção textual no século XXI, apropriação do sistema de escrita e compreensão e valorização da cultura escrita.

### **2.1 A LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO SÉCULO XXI**

As novas necessidades sociais deste século, aliadas às novas tecnologias e teorias, pressupõem a necessidade de um ensino atualizado, com práticas que propiciem o ensino-aprendizagem de modo a proporcionar ao aluno condições para que ele aprimore a sua competência comunicativa, tanto oral como escrita. É imprescindível, portanto, que a escola leve o aluno a desenvolver textos cujos aspectos formais e comunicativos estejam bem conjugados.

Computadores e as mídias mais modernas são objetos interativos, que a grande maioria das crianças já domina; com os quais se podem experimentar atividades relacionadas à escrita e leitura. Eles podem contribuir para trazer ao ambiente escolar a instigante curiosidade e criatividade de jovens e crianças. Para que possa acontecer o ensino-aprendizagem com as novas tecnologias; o professor deverá oportunizar um espaço de observação, conhecimento, seleção, organização, análise crítica e reconstrução do conhecimento. Assim a prática estará baseada em uma visão que o indivíduo constrói pessoalmente os seus conhecimentos nas interações com os outros.

A rotina da grande maioria dos seres humanos tem mudado consideravelmente em função dos diversos fatores ligados a vida moderna, na qual as diferentes mídias influenciam a forma como as pessoas se comunicam. Com isso enfatizamos aqui a necessidade de que o ensino e a aprendizagem da língua escrita precisam fazer sentido para a criança. A educação é fundamentalmente um processo de comunicação; todos nós educamos o tempo todo, estamos sempre ensinando e aprendendo por meio de múltiplas formas de comunicação. E o professor de hoje precisa ter em conta esse campo de trocas, de interações, que permitem perceber-se, expressar-se e relacionar-se com os outros, ensinar e aprender.

Aos poucos a sociedade vai percebendo a importância e a necessidade de familiarizar-se com as novas tecnologias, o que ela contribui com a facilidade das situações de vida em todas as áreas, principalmente na educação onde o computador e a Internet ganham espaço, o que não poderia ser diferente, sua utilização ainda que tímida já faça parte da realidade de muitas escolas da rede pública.

Quanto ao aprendizado da leitura e da escrita, precisam-se ter duas metas, o favorecimento de um ensino sistemático do sistema de escrita alfabética e o favorecimento do ensino das estratégias de leitura e produção textual. Numa perspectiva sociointeracionista, é necessário o desenvolvimento de atividades com o propósito de aperfeiçoar, mesmo que gradualmente, a produção textual dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Propondo tarefas direcionadas que melhorem e estabeleçam unidade e relação de sentido aos textos, organizando e articulando-os de modo que o resultado fique coeso e coerente. Como já defendia Freinet (1989):

[...] que é preciso compreender o desenvolvimento do grafismo infantil para se poder descobrir toda a riqueza contida na criança, desde que, ao se expressar pelo desenho, ela o fizesse com plena liberdade tanto para escolher o tema e o material necessário como para decidir seu próprio ritmo de trabalho, cabendo ao professor o papel de observador vigilante, discreto, sempre pronto para prover as necessidades do momento, estimulando e reforçando o entusiasmo da criança no seu processo gráfico. (FREINET, 1989, p. 52)

Não tornar a leitura significativa e atraente desde as etapas iniciais da alfabetização, é contribuir com o fracasso escolar. Com relação a este assunto Paulo Freire (1986, p.11) já considerava a necessidade de levar em consideração assuntos de interesse dos alunos, deixando claro que “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”. Quando entram

na escola as crianças trazem uma bagagem de coisas e conceitos aprendidos nas suas relações sociais, elas trazem ainda, sua própria visão de mundo.

Com as tecnologias é perfeitamente possível adequar o trabalho pedagógico de uma forma prazerosa para as crianças e ao mesmo tempo constituir tal atividade em um processo de conhecimento. No entanto é necessário que o educador saiba identificar e compreender o raciocínio das crianças, em relação à natureza alfabética da escrita.

O importante a reconhecer aqui, é a necessidade de reconstituir o fazer pedagógico integrando nele o mundo atual, a leitura de mundo realizada pelas crianças; é ter-se a habilidade de decodificar os múltiplos sinais apresentados pelos alunos e a partir deles trabalhar utilizando as novas tecnologias como uma gama de ferramentas facilitadoras das mais diversas situações capazes de auxiliar no desenvolvimento das mais simples e complexas tarefas com relação à escrita e leitura.

## **2.2 APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DA ESCRITA**

Com relação à aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA), muitos debates e experiências têm sido realizados com as crianças, e assim foram criadas várias propostas de alfabetização. Algumas delas propõem um ensino desvinculado dos usos efetivos da leitura e da escrita e transformam a alfabetização em um treinamento, com ênfase na memorização de correspondências grafo fônicas, tornando assim o aprender ler/escrever um ato mecanizado e sem sentido para as crianças; outras defendem um trabalho assistemático, sem atividades com reflexão sobre a lógica de funcionamento da escrita e leitura e outras ainda defendem que é necessário de modo sistemático, estimular a criança a pensar sobre os princípios do sistema de escrita e simultaneamente às situações diárias de uso da leitura e da escrita.

A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o "letramento," ou seja, para a participação nas práticas sociais de escrita, tanto é assim que os analfabetos podem ter um certo nível de "letramento": sem que hajam adquirido a tecnologia da escrita, utilizam a quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização atualmente em vigor, a tecnologia da escrita é aprendida não como em concepções anteriores com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e escrita, e sim por meio de atividades de "letramento," ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 1998, p. 92)

Adotando e fundamentando esta última perspectiva, passa-se a considerar importante que a criança esteja inserida em um ambiente que vivencie atividades significativas de leitura e produção textual, desenvolvendo a autonomia de ler e escrever refletindo sobre o funcionamento do SEA. O processo de alfabetização é tido hoje, como o tempo de aprendizagem, onde a criança desenvolve a habilidade de compreender e produzir textos. Trata-se aqui de permitir que com isso ela amplie seu grau de letramento, levando-a participar de diversas atividades sociais mediadas pela escrita; desenvolvendo as capacidades necessárias para o uso da escrita e saber usar os objetos de escrita presentes na cultura.

Para isso é preciso que a prática pedagógica incentive a participação das crianças em práticas autênticas de leituras e escrita; no dia a dia da sala de aula.

Conforme afirma Ferreiro (2003), tradicionalmente, eram considerados, tanto por educadores, quanto por pesquisadores, os aspectos figurativos da escrita infantil, ou seja, aqueles aspectos relacionados a elementos formais, tais como: a qualidade do traçado, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante (da esquerda para direita, de cima para baixo), a orientação dos caracteres individuais (inversões, rotações), etc. Os chamados aspectos construtivos da escrita costumavam ser ignorados pelas professoras e pesquisadores interessados em compreender o fenômeno da alfabetização. Tais aspectos construtivos têm relação com o que o sujeito quer representar e os meios que emprega para criar diferenciações entre as representações. Não são, portanto, os aspectos figurais que designam se houve ou não uma escrita. Quando ocorre essa intencionalidade por parte da criança, ou seja, quando constatamos a presença de aspectos construtivos, é que consideramos que houve uma produção escrita.

Os primeiros contatos da criança com as letras impressas em livros, cadernos, cartazes, inicia-se o processo de construção de esquemas conceituais, cuja primeira dificuldade consiste em distinguir o desenho de letras. Avançando em sua construção da escrita, a criança começa a perceber que para escrever utilizam-se apenas letras.

Conforme Ferreiro (1993, p. 89) argumenta, há poucos anos apenas, é que nossa visão do processo de aquisição do sistema de escrita mudou de forma radical. Inicialmente através de uma reconsideração do processo de leitura e da atividade do leitor, que fez passar, para primeiro plano, fatores tais como: a antecipação significativa e o conhecimento lingüístico que o leitor traz para a tarefa. Logo, paulatinamente, foram se acumulando evidências que assinalam a importância das experiências de interpretação e de produção de

textos realizadas pelas crianças, muito antes de seu ingresso numa instituição escolar. As produções escritas das crianças, que antes eram consideradas garatujas, adquiriram um novo significado.

Nesta primeira fase mesmo sem distinguir ou saber escrever ela imita o ato de escrever. Logo após esta fase segue outra, na qual ela inicia a elaborar hipóteses sobre a quantidade, a combinação e a distribuição das letras, ou seja, a criança por seu próprio esforço intelectual vai estabelecendo condições gráficas para realização do ato de leitura ou de escrita.

Vigotsky (2000, p. 133) ressalta que o ensino deve organizar-se de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças. O autor se contrapõe claramente a um trabalho pedagógico no qual a escrita seja concebida puramente como uma habilidade motora, mecânica, pois toma como pressuposto central o fato de que a escrita deve ser “relevante a vida”, deve ter significado para a criança e conclui: “Só então poderemos estar certos de que se desenvolverá (a escrita) não como uma habilidade que se executa com as mãos, mas sim como uma forma de linguagem realmente nova e complexa de linguagem”.

Conceber a escrita como um código de transcrição implica conceber que sua aprendizagem consiste na aquisição de uma técnica. Conceber a escrita como um sistema de representação converte sua aprendizagem na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual.

Os conceitos de alfabetização e letramento ressaltam duas dimensões importantes da aprendizagem da escrita. De um lado a capacidade de ler e escrever e de outro a apropriação efetiva da língua da língua escrita: “[...] aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita é tornar a escrita própria, ou seja, assumi-la como sua propriedade.” (SOARES, 1998, p.39)

Sabe-se que as crianças são muito curiosas e se envolvem sem nenhuma dificuldade em situações que as desafiem a explorar os mais diversos meios e tipos de material de leitura; a manusear livros, assistir filmes, ouvir a leitura de contos, brincar de ler e escrever ou mesmo a criar e participar de jogos que envolvam leitura e escrita.

Quando se pensa na formação de um leitor infantil, ouvir e ler histórias são os atos mais frequentes no aprendizado inicial. A entrada da criança no mundo da escrita e leitura se faz pela mediação do outro. Na infância mais que em outras fases da formação do leitor, ler é atividade partilhada; embora muitas vezes as crianças ainda não tenham o domínio da tecnologia que lhe dá suporte para escrever e ler textos, a convivência com livros e diversos

gêneros textuais é importante para a contribuição da progressiva autonomia na leitura e na produção textual.

São inúmeras as possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e se comportem guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com os colegas nos momentos das brincadeiras dos desenhos, dos jogos de faz de conta e conseqüentemente a escrita. Desenho e brincadeiras são atividades perfeitamente possíveis no uso das tecnologias e levam diretamente à escrita. As produções das crianças antes da escola, geralmente são vistas como riscos circulares ou traços insignificantes, mas como afirma a teoria piagetiana “(...) que as crianças fazem explorações ativas sobre os objetos de conhecimento” (AZENHA, 1995, p.60). Ou seja, a criança tenta fazer as representações de objetos que já conhecem e procuram por meio de seus rabiscos, desenhos, trações e riscos circulares construir um significado a essas produções.

Todo momento em sala de aula ou fora dela é adequado para aprender e ensinar a ler, a construção do conhecimento vai aos poucos acontecendo e propiciando a leitura e produção textual tanto escrita como oral; com a compreensão de informações, processos de inferências, distinção entre fatos e opiniões, etc. A produção oral ou escrita de diferentes gêneros incentiva a comunicação entre as crianças e a criatividade na produção.

O uso de tecnologias permite redimensionar os espaços de ensinar e aprender com leitura e produção textual. É importante buscar nos meios tecnológicos e meios de comunicação abordagens do cotidiano infantil e incorporá-los criteriosamente na sala de aula. Buscar novos conteúdos, novas relações, novas formas de expressão.

Mas para isso é preciso que o professor prepare o contexto, o aluno para a produção; a começar por um estudo diagnóstico do interesse das crianças, do que será tratado para a escrita (definição do tema), em seguida propor e estimular o levantamento de idéias, feito isso alunos e professor farão oralmente um planejamento do texto. Logo após os alunos farão a primeira versão de sua produção que será revisada pelo aluno e professor para que possam escrever a versão final.

Soares (2001) apresenta alguns erros cometidos pela escola durante o processo de aquisição da língua escrita pela criança, o primeiro seria: a escola define as palavras e frases a serem usadas pelos alunos nas situações de aprendizagem da escrita. O outro seria o controle das próprias condições de escrita a criança escreve sobre o tema que a professora impõe.



Ao se imaginar a possibilidade de tecnologias no ambiente escolar deve-se em primeiro lugar ter a noção de que tecnologias pressupõem mudanças; de comportamento onde o professor passa a ter o papel de orientador, mediador do conhecimento mesmo que sejam alunos dos anos iniciais o educando passa a ter autonomia.

A criança desde que nasce também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprendem a informar-se, a conhecer os outros, o mundo e a si mesmo. A educação escolar precisa compreender e incorporar mais em seu dia-a-dia as novas linguagens do mundo moderno, descobrir seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e possíveis manipulações pelo público infantil.

### **2.3 COMPREENSÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA ESCRITA**

O papel do professor nesse processo todo é principalmente conhecer as especificidades de seu grupo de alunos, as novas linguagens e os modos de operação das novas tecnologias para que por meio da interatividade das crianças aconteça a produção de conhecimento. O que se sabe é que quanto mais significativo for o que está sendo ensinado, mais o aluno se põe em movimento, se mobiliza para se relacionar com o que está sendo proposto. Deixar de explorar a relação extra-escolar dos alunos com a escrita significa perder oportunidades de conhecer e desenvolver experiências culturais ricas e importantes na motivação para a produção textual.

Vygotsky (1991) argumenta:

[...] que em função da constante mudança das condições históricas, que determinam em larga medida as oportunidades para a experiência humana, não pode haver um esquema universal que represente adequadamente a relação dinâmica entre os aspectos internos e externos do desenvolvimento. Portanto, um sistema funcional de aprendizado de uma criança pode não ser idêntico ao de uma outra, embora possa haver semelhanças em certos estágios do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p. 141)

Para atuar nesta perspectiva, o professor precisa estar preparado para compatibilizar formas de diálogos e mídiatizações entre as mídias, orientando o seu uso de forma significativa e adequada ao contexto da sala de aula. Ele precisa repensar sua prática pedagógica mudando o foco do ensinar para reproduzir conhecimento e passar a preocupar-se com o aprender e, em especial, o aprender a aprender junto com os alunos.

A escola precisa assumir o compromisso de apresentar ao aluno a diversidade de gêneros discursivos, na leitura, na escrita e na oralidade. Ao apresentar os diferentes gêneros discursivos deve inseri-los em um contexto real de uso, através de vivências e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e o acesso aos diversos suportes da escrita. O artificialismo não produz aprendizagens lingüísticas efetivas. As crianças precisam encontrar sentidos, e significados próximos nas atividades com produção textual e escrita. As linguagens constituem os sujeitos antes mesmo do seu ingresso na escola; uma criança aos dois anos de idade em média, domina as estruturas da sua língua materna e a escola tem a tarefa de apresentar as linguagens de uma forma criativa e prazerosa, a tarefa de apropriar-se dos códigos convencionalmente aceito.

Nos contextos sociais em que se vive e se faz uso da língua escrita em ações cotidianas, desde muito cedo as crianças começam a lidar com textos escritos por meio da observação e do acompanhamento dessas situações de práticas de leitura e escrita. Parte-se, assim, do pressuposto de que a experiência com textos literários pode anteceder a alfabetização, fazendo valer o que ensina Magda Soares: é possível participar de práticas de letramento mesmo sem ter o domínio do sistema da escrita (SOARES, 1998).

Qualquer ação pedagógica que envolva a leitura infantil deve levar em conta a cultura infantil: o que a criança vive em sua cultura familiar, religiosa, etária, etc. A ação pedagógica referente à leitura e produção textual precisa ser significativa, desafiadora e instigante a ponto de mobilizar o aluno. As novas tecnologias propiciam recursos diversos ao professor para que viabilize essa ação pedagógica; com a quantidade de informações em circulação nas várias mídias à disposição, o acesso a internet, abrem novas possibilidades nas escolas.

A leitura e a escrita devem ser algo que a criança necessite. Deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como habito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. (VIGOTSKY, 1991, p. 133)

À medida que se possibilita este tipo de ação aos alunos e garantem-se espaços para a interação, ampliam-se também as possibilidades de intervenção problematizadora. Nesta perspectiva a TV é uma fonte de informação social que pode ser utilizada para ensinar, se a metodologia partir da ressignificação e da contextualização que os docentes realizem dos

seus conteúdos na elaboração de suas propostas de trabalho em aula. O professor deve propiciar aos alunos a oportunidade de examinar diversas linguagens e diversos gêneros textuais, como se encontram suas variedades e peculiaridades. É preciso motivar uma produção de escrita e leitura diferenciadas. Ao fazê-lo as crianças são estimuladas a conhecer, a gostar, a engajarem-se como leitores e escritores, a saber, examinar e avaliar suas próprias produções. Uma prática desse tipo precisa que se criem condições em sala de aula, que aguce a criatividade estimule a produção própria da criança. Não se trata meramente de aprender a respeitar o que as crianças gostam ou devem saber, mas que o professor leve em conta sua capacidade tanto para ensinar quanto para aprender com os próprios alunos.

De acordo com Moran (2007, p. 14), até agora o que estamos observando no cenário educacional é uma escola pouco atraente aos alunos. Nas palavras desse autor, “a escola é uma das instituições mais resistentes à mudança”. Essa última afirmação nos leva a compreender melhor o porquê de ainda existirem nas escolas currículos engessados, disciplinas soltas, conteúdos fragmentados e sem ligação direta com a vida dos estudantes, e professores em geral, mal remunerados e com sobrecarga de trabalho, além de desmotivados com a prática docente.

A interação dos alunos com as tecnologias está ocorrendo em um maior percentual do que a dos professores, já que a grande maioria dos estudantes tem computador em casa ou procuram as *lan house* em busca de jogos ou *sites* conforme a idade. O computador não substituirá o professor, mas é necessário que ele reveja suas práticas educativas e sinta-se capaz de utilizar novas abordagens pedagógicas que as tecnologias propiciam. É importante que desenvolvam práticas que estimulem os alunos a contar e recontar suas narrativas pessoais pelo exercício da leitura e produção textual.

### **3 METODOLOGIA**

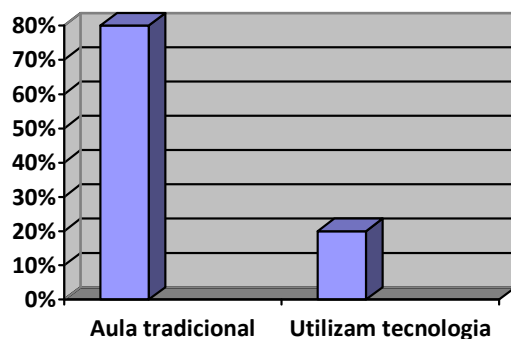
Este trabalho desenvolveu-se através de observação, referencial teórico e pesquisa de campo com treze turmas dos anos iniciais da Escola da rede estadual, Dr. Silvio Ribeiro localizada em Sant’ana do Livramento; onde atuo como supervisora dos anos iniciais e convivo com as crianças diariamente. Os professores responderam a um questionário que contempla questões sobre a metodologia referente à produção textual e leitura aplicada em suas práticas. A revisão bibliográfica propiciou o suporte teórico sobre estratégias

metodológicas para qualificar a produção textual e leitura por meio da ludicidade, mídias e tecnologias educacionais. Em um primeiro momento, foi criado um ambiente de aproximação ao grupo de professores (diálogo e conversas informais sobre a prática pedagógica), para buscar informações e possíveis discussões referentes ao tema, logo um roteiro de entrevista, semiestruturado, com algumas perguntas fechadas em forma de questionário e outras abertas para o professor (depoente) falar mais livremente. Com o intuito de promover e propor o desenvolvimento da leitura e produção textual através do estímulo a utilização das mídias e tecnologia de ensino-aprendizagem.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como resultado da pesquisa, que no primeiro momento desenvolveu-se a partir de técnicas de observação e convívio diário com os professores dos anos iniciais da Escola Estadual de 1º e 2º Grau Dr. Silvio Ribeiro, onde ocupo o cargo de supervisora dos anos iniciais, permitindo assim descobrir através do contato direto do observador com o objeto estudado, suas particularidades pois o confronto com a realidade possibilitou compreender e interpretar o que estava sendo estudado. O grupo de professores demonstrou muita resistência em responder as perguntas ou falarem sobre sua prática pedagógica. Constatou-se, a partir das respostas e observação das práticas didáticas utilizadas pelos professores que participaram deste trabalho, que é de suma importância promover cursos de formação que propiciem ao professor os conhecimentos necessários para utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas da rede pública estadual e, por conseguinte possam integrá-las em sua prática, ministrando aulas mais interessantes e qualificadas que possibilitem a construção do conhecimento. Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados constatou-se que 80% ministram aulas de uma forma tradicional, ignorando a aplicabilidade do uso das mídias em seu fazer pedagógico, tendo em vista que o mundo tecnológico faz parte do cotidiano dos nossos alunos sejam eles crianças ou adolescentes. Em contrapartida os 20% restantes que dizem utilizar algum tipo de tecnologia ou mesmo o laboratório de informática esporadicamente, deve-se ao fato de possuírem ou estarem cursando algum tipo de capacitação, inclusive percebe-se isso pelo número de professores que estão concluindo o curso de Especialização em Mídias na Educação, e estes quando questionados, demonstraram já estarem colocando em práticas as teorias e fundamentos adquiridos.

Gráfico 1.



É importante ressaltar que, para realizar as entrevistas com as colegas foi bem difícil, pois demonstram certa resistência em falar sobre a própria prática. Verificou-se que a grande maioria está desmotivada, demonstram atitudes de desinteresse em responder as questões ou falar sobre a produção textual das crianças. Concordam com a dificuldade dos alunos na produção textual e escrita, mas em nenhum momento questionam a própria prática pedagógica. Notou-se certa apatia e falta de criatividade em técnicas para produção textual e até mesmo no dia a dia da sala de aula com as crianças, que é pura consequência da falta de motivação do professor.

A formação de novos usuários da língua escrita exige planejamento, estudo e um olhar atento do professor aos interesses, curiosidades, hábitos e os modos de viver das crianças. O professor também deve estar disposto a deixar de lado a forma tradicional e livresca de ministrar suas aulas para engajar-se no mundo informatizado, onde as possibilidades de estimular competências e habilidades na leitura e produção textual são infinitas.

Para o ensino da leitura e escrita eficiente, exige-se um professor consciente do trabalho a ser desenvolvido. Uma metodologia com muitas oportunidades de ler e escrever, mesmo antes de saber grafar corretamente as palavras, quanto mais oportunidades de escrita forem oferecidas aos alunos mais eles aprenderão sobre o seu funcionamento. Quanto mais este professor proporcionar a livre expressão das crianças de como se escreve, com mais facilidade ele acaba formulando uma série de idéias próprias sobre a escrita alfabética, e ao mesmo tempo vai aprendendo a ler e escrever.

De acordo com Prado e Valente (2003):

No contexto prático, o professor necessita lidar com a coexistência de concepções e valores educacionais distintos. Isto gera dúvidas, conflitos e muitas vezes o professor se sente solitário, sem apoio dos colegas e da instituição, para recriar dinâmicas inovadoras. O professor precisa estar aberto para mudar, mas só isto não basta. Além das amarras pessoais, existem as amarras institucionais. Os aspectos constituintes da realidade da escola: a organização de tempo, espaço, currículo, entre outros, podem dificultar o desenvolvimento de uma nova prática pedagógica. (PRADO E VALENTE, 2003, p. 23)

Neste contexto deve-se levar em conta que a capacitação do professor por si só não basta, sozinho ele não poderá dar conta do uso e aplicabilidade dessa tecnologia como ferramenta. É necessário que a escola esteja preparada através de uma estrutura que estimule e suporte a utilização dos laboratórios de informática por diversas turmas, e em diferentes horários. Cabe aos gestores em educação propiciar situações onde o professor receba a formação capaz de fazer com que este possa construir conhecimentos de computação aprendendo a utilizar a máquina como mais uma ferramenta pedagógica e não apenas como um meio de entretenimento dos alunos em um dia qualquer de aula. A grande maioria dos professores, quando questionados sobre a pouca utilização dos recursos tecnológicos oferecidos pela escola, argumenta que possuem dificuldades em desenvolver projetos de ensino que contemplem atividades práticas mediadas pela tecnologia, à dificuldade de acesso ao laboratório de informática, o número de máquinas insuficiente para o grupo de alunos por turma. Foi possível verificar também que uma grande porcentagem de professores que atuam nos anos iniciais tem pouco conhecimento com relação às principais TICs tais como a TV, o vídeo, o computador e a Internet, impossibilitando assim sua articulação à prática didática.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As constatações aqui enfatizadas servem como fonte de informação para que se repense as práticas pedagógicas referentes à produção textual e leitura. Para que isso aconteça sabe-se que não é nada fácil, mas a responsabilidade de incluírem-se as tecnologias e mídias educativas no contexto escolar torna-se bem maior quando se trabalha com crianças. Os objetivos e as propostas educacionais referentes a escrita e leitura foram se modificando ao longo dos anos e estas tendências de algum modo influenciam na formação do profissional e nas suas práticas pedagógicas. Nesse sentido é importante que a formação de professores propicie situações que sejam motivados a pesquisar novas alternativas de trabalho com o uso

de tecnologias em sala de aula, no sentido de aproximar as concepções construídas no campo teórico com experiências vivenciadas no dia a dia.

Diante da realidade constatada, a atualização no meio educacional se faz necessária a fim de que não se percam as oportunidades de oferecer aos alunos, uma didática atualizada, rica em informações que cada vez mais tende a ser vinculada a realidade informatizada.

Os professores não podem mais ignorar as tecnologias, uma vez que estão em contato e inseridos num contexto tecnológico, o qual interfere e transforma o dia a dia de toda sociedade desde as formas de se comunicar, de trabalhar, de brincar. Já é uma necessidade e interferem nas relações com o mundo. Pois hoje as tecnologias estão em todos ambientes públicos e privados. Ignorá-la é negar-se a participar e acreditar no progresso.

Reconhecida a necessidade da utilização das tecnologias e mídias educacionais em proveito da educação e aqui, especificamente na prática da leitura e produção textual, o domínio dos saberes demanda estudo, processos intelectuais, mediações pedagógicas e a mudança de atitudes diante ao bombardeio tecnológico e informacional que acontece.

Ao pensar-se nos desafios e dificuldades sobre a produção textual e leitura no trabalho pedagógico dos anos iniciais, buscou-se, através deste artigo, propor uma reflexão que auxiliasse os professores a perceberem as crianças como indivíduos que possuem saberes próprios sobre o mundo da escrita e, sobretudo, estão dispostos a se apropriarem desse objeto de conhecimento. O que se apresenta aqui é a noção, que durante os três primeiros anos do ensino fundamental a alfabetização referente à escrita e leitura estabeleça relações de poder e conhecimento não apenas ao que os professores ensinam, mas aos significados produzidos pelos alunos, com todas suas diferenças culturais e sociais trazendo para sala de aula como parte da produção de conhecimento e da construção de identidades pessoais e sociais. Portanto a ação mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e letramento. O desenvolvimento das capacidades lingüísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, não acontece espontaneamente, é preciso todo um trabalho pedagógico pensado, pesquisado e planejado de acordo com as peculiaridades de cada grupo de alunos. O processo educativo na produção textual e escrita não poderá ser solucionado apenas pela inclusão de novas tecnologias da informação ou mídias educativas, mas por uma recondução do processo de ensino-aprendizagem.

Por tudo que se argumentou aqui, salienta-se que, o desenvolvimento da linguagem escrita em crianças pode e deve ser trabalhado por meio de estratégias de aprendizagem capazes de respeitar as peculiaridades das crianças e seu direito de viver plenamente esse momento da vida. É perfeitamente viável encontrar uma forma de ensinar com a utilização das tecnologias e mídias educacionais, capaz de respeitar o direito ao conhecimento e, ao mesmo tempo, a capacidade, o interesse e o desejo de cada criança de aprender.

## **REFERÊNCIAS**

AZENHA, Maria da graça Azenha. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**.4.ed. São Paulo: Ática, 1995.p.34-85.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. 4 ed. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. (Tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro). \_ 9. ed. \_ São Paulo : Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**, 28º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso** / São Paulo: Ática, 2010.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita**. Uma análise dos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2007, 177p.

PRADO, M. E. B; VALENTE, J. A. A formação na ação do professor: uma abordagem na e para uma nova prática pedagógica. In: VALENTE, J. A. (Org.). **Formação de educadores para o uso de informática na escola**. Campinas, SP: UNICAMPI/NIED, 2003. PP.21-38.

SEBER, Maria da Gloria. **A escrita infantil: O caminho da construção** / São Paulo: Scipione, 2009.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. B. **Aprender a escrever ensinar a escrever**. In: ZACCUR, E. (org.) **A magia da linguagem**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Dp&A: SEPE, 2001.



VIGOTSKY, Lev Semenovich, 1896-1934. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores / L.S.**

## ANEXO 1

Este documento faz parte de uma pesquisa realizada no intuito de redigir um artigo tendo como problemática a seguinte questão: O uso das tecnologias na leitura e produção textual nos anos iniciais.

### Questionário

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Tempo de serviço: \_\_\_\_\_

01) Quais os principais procedimentos metodológicos que você utiliza em suas aulas?

---

---

02) Você acredita no uso das tecnologias dentro da sala de aula?

Sim     Não

Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

03) Você utiliza o laboratório de informática com seus alunos? Se não, Por quê?

---

---

---

04) Que estratégias você utiliza para despertar em seus alunos o interesse pela leitura?

---

---

---

05) Como você propicia a prática de escrita em sua sala de aula?

---

---

---

06) Em sua opinião como deverão estar preparados os professores para usar a tecnologia em sua prática pedagógica?

---

---

---

---

07) Em sua opinião, como assegurar às crianças a aquisição de capacidade e habilidades que lhes possibilitem compreender e produzir diferentes tipos de texto, de acordo com suas características?

---

---

---

08) Em sua opinião, como despertar o interesse das crianças pequenas para a leitura e a escrita?

---

---